

Apresentando *Afrânio*

O monólogo que se segue nasceu em forma de conto: era originalmente um relato em primeira pessoa. Cesário Augusto, ator e professor da Universidade Federal do Pará, leu o texto e o viu como um monólogo ou, como prefere dizer, um solo, designação que incorporei. De conto a texto teatral, pouco mudou – apenas acrescentei rubricas. Mantive os parágrafos. Depois de dois ou três retoques, eis o breve solo (até aqui não publicado) que, mesmo ainda em fase de montagem, o intérprete já levou algumas vezes à cena. Por exemplo, durante o VIII Fórum Bienal de Pesquisa em Artes (promovido pela UFPA), em 28 de novembro de 2017. O espetáculo chama-se *Afrânio: um solo em decomposição* e é dirigido pelo Gita, grupo de Belém, e pelo próprio intérprete, pesquisador de artes marciais e meditativas aplicadas ao trabalho do ator. A música para a montagem foi composta por Marcos Cohen, clarinetista da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Cláudio Santoro, de Brasília. O monólogo parte de situação relativamente comum – a de um velório – mas o ponto de vista, a fonte das palavras, acha-se na mente desse metafísico e, acredito, simpático defunto.

¹ José Fernando Marques de Freitas Filho é professor do Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília na área de Teoria Teatral. Doutor em Literatura Brasileira pela UnB com tese sobre teatro musical. Jornalista, escritor e compositor. Autor, entre outros, de *Últimos: comédia musical em dois atos* (livro-CD; Perspectiva, 2008) e *A província dos diamantes: ensaios sobre teatro* (Autêntica/Siglaviva, 2016). E-mail: fmarquesfreitas@terra.com.br.

Afrânio

Solo breve

Por Fernando Marques

A Cesário Augusto

Na cena escura, a luz ora se fecha no rosto do ator, ora deixa ver todo o seu corpo e algo de seu entorno. Ele usa bata e calças largas, de cor clara, contraposta ao fundo preto. O foco se apaga e, quando se abre novamente, o intérprete já está noutra lugar, noutra canto da cena, dos corredores ou da plateia. As mudanças se fazem em correspondência aos vários trechos – segundo fatias de texto a serem marcadas pelo ator. Enquanto se move, ele dá o seu monólogo. Assim, podemos vê-lo, por hipótese, de pé no centro ou nas laterais do palco; no alto de uma escada, ao fundo; de cabeça para baixo, em qualquer dos lados, ou sentado na plateia em meio aos espectadores. Uma espécie de Ariel de meia-idade. Andamento ora ágil, ora lento e reflexivo, de acordo com o teor das falas – ou em contraste com elas. Essa mobilidade pretende representar um ser incorpóreo, etéreo, volátil, que desfia os seus pensamentos diante do público. Tom de conversa. Uma clarineta acompanha as palavras.

AFRÂNIO: Meu nome é Afrânio Freitas. Ou Frias. Fraga. Frota. Freire. Qualquer apelido serve, o importante é a fricção dos efes e erres.

O importante é que estou morto. Morri. Olho a sala a meu redor: sou o tal defunto que vocês podem ver esticado no centro da sala, dentro do caixão sobre a mesa, aqui na capela clara. Coroas de flores na parede ao fundo. Gente de todas as idades. Três ou quatro pessoas choram; outras quietas, sóbrias. Mas há também as que conversam alegremente, sem sofrimento aparente e sem que deixem de notar o morto à mostra.

Fico feliz por ter aparecido tanta gente para lamentar o passamento – espero que não se pense em comemorá-lo. Dois amigos dissertam sobre minha modesta pessoa em voltas tão extravagantes quanto sinceras, apesar de convencionais; é inútil pedir originalidade a essas orações derradeiras.

Convivas de última hora vêm dizer coisas afáveis, nas quais nem sequer me reconheço: Afrânio Freitas fez isso, Afrânio Frias falou aquilo, Afrânio Fraga foi homem bom, pai amantíssimo, esposo exemplar; insigne profissional, o Afrânio Frota; cidadão

solidário esse Afrânio Freire, e tudo o que se derrama em tais situações. Afrânio sofre, mas enfrenta.

Como definir o que sinto? Constato – e parece não haver qualquer incoerência: sou um homem morto e penso; defunto irrefutável, sim, mas escuto, enxergo (mais vislumbro do que vejo), até o perfume enjoativo das rosas e das velas sou capaz de captar. Ao mesmo tempo, percebo desolado a fronteira, o muro, a enorme distância entre mim e meus convidados, testemunhas ou simples curiosos nesse velório hilário; a distância entre mim, onde estou, e vocês, do lado de lá. Aí.

Aqui estou formidavelmente só. Luzes ao longe sugerem multidões.

(Pausa. Toma fôlego e retoma a fala.)

– Perguntar se há vida após a morte é o mesmo que perguntar se há corpo depois da morte. A razão nos diz que não pode haver vida sem corpo, nem corpo depois de estarmos mortos. Ou, pelo contrário e por absurdo, seremos duplos, feitos de vento e vísceras, alma e ossos?

Pois afirmo diante de vocês, amigos e adversários, que não morremos: nós apenas mudamos de estado. O que se dá é um processo muito simples de transmutação – pode-se até lembrar, a propósito, a transubstanciação cristã, mas não sou cristão, deixo claro, reconhecendo embora a força de metáfora contida na imagem do homem que morre e sobe ao céu, cai pesado sobre o solo e ascende levíssimo às nuvens. Repararam que opomos sempre o material, denso e precário, ao espiritual, alado, aéreo?

Esse caminho que se pode chamar natural nada tem a ver com Deus. Relevem se pareço indelicado, cruel quando os desiludo: Deus não existe; não há Deus algum, nunca houve. Só ao atravessar o rio nós conseguimos compreender: falo de não haver centro, nada parecido a um ponto central no universo, a um lugar privilegiado onde tudo comece. Algo similar a uma superconsciência que a tudo governe. O mundo não começa nem termina, e não tem sentido moral. Lugares-comuns do ateísmo, decerto. Ocorre que estou morto e o mistério vagorosamente se dissipa.

Que me perdoem o ar de professor, mas vejam, os mortos sabem mesmo um pouco mais que os outros... Indago: por que o incorpóreo deve ter parte com a divindade, enquanto a carne estaria sempre na esfera do precário? O corpo, apesar de provisório, não

é a contraface do etéreo? Por outro lado, avesso à opinião dos materialistas, mesmo os dialéticos: por que a matéria haveria de resumir a realidade inteira? Quem dera.

Agora que morri, vejo melhor o que já via, mas via imperfeito e confuso. Estar aqui deitado sem corpo que se mova, contudo consciente como se vivo estivesse, permite saber que o concreto e o incorpóreo são parentes; mais, são sinônimos. Maneiras distintas da mesma substância, essência por vezes perversa, aética, dotada de dons que a tudo animam e que se encontram, em diferentes combinações, na terra e no alto, pedras e plantas, bichos e gente.

(Pausa.)

- Saber que vamos morrer sufoca, oprime; o desejo de continuar a viver nos obceca. Mas morrer torna-se também condição para a felicidade. A condição de nossa felicidade não é propriamente a morte, mas o gênero de coisas de que a morte é apenas uma espécie, ainda que extrema: trata-se do limite, o que há de risco e revelia no miolo de nossas vidas, e toca de perto o que exista em nós de impulso para a liberdade, vontade minimamente forte. Estou a dizer o que tanta gente constata: sem termo, sem fim, a coisa toda teria menos graça.

Então reitero: costumam ligar a matéria à ausência de Deus, enquanto o espírito sinalizaria a existência do criador. Falso! Os dois modos da substância não cessam de brotar um do outro, de parir um ao outro; as coisas dão a si próprias à luz sem a interveniência de Deus, ou melhor: Deus mora nas coisas mesmas, não é anterior nem exterior a elas. Já disse alguém que Deus fez o mundo e em seguida se ausentou. Não, Ele não se foi, mas se escondeu; o criador enfiou-se nas próprias criaturas feito os homens nas mulheres. Não devemos, porém, desenhá-lo à nossa imagem, Ele não nos ouve.

Há vinte e quatro horas o coração sobressaltado parou. Até mais, filhos, mulher, dois ou três amigos que pude capturar. A respiração se extinguiu, o sangue deixou de correr. Houve um silêncio que parecia não ter fim e, depois, este impulso para as palavras, a consciência crispada como se levasse um choque e despertasse.

(O ator pode repetir algumas dessas últimas palavras; a música cessa. A luz se fecha.)



Faculdade de Artes Dulcina de Moraes – FADM
e
Grupo de investigação do treinamento psicofísico do atuante – GITA
oferecem:

Afrânio: um solo em decomposição

Local: Sala Conchita de Moraes
Dias e horário: 16, 17, 18, 23, 24 e 25/02/2018, de sexta-feira a domingo,
às 20h00min.

Ingresso: R\$20,00 (inteira) e R\$10,00 (meia para estudantes com carteirinha, pessoas acima de
60 anos e deficientes físicos)

Texto: Fernando Marques
Direção: Cesário Augusto e GITA
Atuação: Cesário Augusto
Música original: Marcos Cohen
Figurino: Cesário Augusto
Iluminação: Sonia Lopes
Cenário: Aníbal Pacha

Censura: 12 anos

Imagem 1. Cartaz da apresentação em Brasília.



Imagens 2 (sup. esq.), 3 (sup. dir.) e 4 (inf.). O ator Cesário Augusto em cenas de *Afrânio: um solo em decomposição*.



Imagens 5 (sup.) e 6 (inf.). O ator Cesário Augusto em cenas de *Afrânio: um solo em decomposição*.

Submetido em: 01 fev. 2018

Aceito em: 09 mar. 2018